

Existe (in) visibilidade das *cholas* na fronteira de Corumbá?

Is there (in)visibility of cholas on the Corumbá border?

¿hay (in)visibilidad de cholas en la frontera de Corumbá?

Andrea Paola Yanguas Xavier (UFGD)
paolayanguasxavier@gmail.com¹

RESUMO

Corumbá, localizada no Mato Grosso do Sul, fronteira com a Bolívia, existem as mulheres bolivianas que são chamadas de *cholas*, que se vestem com roupas tradicionais dos Quéchuas e Aymaras e que mantêm suas tradições, culturais e vestimentas por mais de 500 anos. As *cholas* estão na cidade de Corumbá trabalhando no comércio e feiras livres. A partir de um recorte da pesquisa de mestrado, em que passou pelo comitê de ética humana, realizamos o atual artigo. Objetivos pretendemos neste trabalho analisar se as *cholas* bolivianas são visíveis ou invisíveis sociais para o Corumbaense. Se ao trabalhar no Pantanal lado brasileiro, elas são reconhecidas pelos brasileiros, desconhecidas ou são invisibilizadas. Prioriza-se neste estudo, a metodologia de pesquisa relato oral com entrevistas semi abertas e semiestruturadas, revisão bibliográfica e descritiva. Entrevista com funcionários de diversos segmentos comerciais em Corumbá, que trabalham na recepção de clientes, para ver se eles ao verem fotos de *cholas*, sabem o termo, têm amizades, possuem informação sobre sua cultura e origem. Foram entrevistadas um total de 10 pessoas que trabalham no centro comercial de Corumbá com diversidade de serviços e atendimentos ao público. Os resultados foram que as pessoas que trabalham nos comércios de Corumbá as veem trabalhando na cidade, porém desconhecem sua cultura, origem, e não mantêm relações de amizades.

PALAVRA-CHAVE: *Cholas*, fronteira, (in) visibilidade, identidade, cultura.

ABSTRACT

Corumbá, located in Mato Grosso do Sul, on the border with Bolivia, there are Bolivian women who are called *cholas*, who dress in traditional Quechua and Aymara clothing and have maintained their traditions, culture and clothing for over 500 years. The *cholas* are in the city of Corumbá working in commerce and street markets. Based on a section of the master's research, which passed through the human ethics committee, we wrote the current article. Objectives In this work, we intend to analyze whether Bolivian *cholas* are visible or invisible to the people of Corumbá. If, when working in the Pantanal on the Brazilian side, they are recognized by Brazilians, unknown or are made invisible. This study prioritizes the oral report research methodology with semi-open and semi-structured interviews, bibliographic and descriptive review. Interviews were conducted with employees from various commercial segments in Corumbá who work at the reception desk to see if, when they see photos of *cholas*, they know the term, have friends with them, and have information about their culture and origins. A total of 10 people who work in the shopping center of Corumbá, providing a variety of services and customer service, were interviewed. The results showed that people who work in the stores in Corumbá see them working in the city, but are unaware of their culture or origins, and do not have any friendly relationships.

Keyword: *Cholas*, border, (in) visibility, identity, culture.

¹ Andrea Paola Yanguas Xavier: Discente no Programa de Pós-Graduação em Geografia - Dourados, Universidade Federal da Grande Dourados (2025) conclusão prevista em 202. Possui Mestrado em Estudos Fronteiriços na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) Pantanal; Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional UNINTER (2019) e graduação em Psicologia pela Universidade Veiga de Almeida (2007). Tem experiência na área de Psicologia cognitivo-comportamental, com ênfase em análise do comportamento. Email: paolayanguasxavier@gmail.com.

RESUMEN

Corumbá, ubicada en Mato Grosso do Sul, en la frontera con Bolivia, hay mujeres bolivianas llamadas cholos, que visten ropas tradicionales quechua y aymara y han mantenido sus tradiciones, cultura y vestimenta durante más de 500 años. Las cholos están en la ciudad de Corumbá trabajando en el comercio y los mercados callejeros. Con base en una sección de la investigación de maestría, que pasó por el comité de ética humana, escribimos el presente artículo. Objetivos En este trabajo, pretendemos analizar si las cholos bolivianas son visibles o invisibles para la gente de Corumbá. Si, al trabajar en el Pantanal en el lado brasileño, son reconocidas por los brasileños, desconocidas o invisibilizadas. Este estudio prioriza la metodología de investigación de informe oral con entrevistas semiabiertas y semiestructuradas, revisión bibliográfica y descriptiva. Se entrevistaron a empleados de recepción de diversos sectores comerciales en Corumbá para determinar si, al ver fotos de cholos, conocían el término, tenían amistad con ellas y tenían información sobre su cultura y orígenes. Se entrevistó a un total de 10 personas que trabajan en el centro comercial de Corumbá, ofreciendo diversos servicios y atención al cliente. Los resultados mostraron que quienes trabajan en las tiendas de Corumbá las ven trabajando en la ciudad, pero desconocen su cultura y orígenes, y no tienen relaciones amistosas.

Palabras-clave: Cholos, frontera, (in)visibilidad, identidad, cultura.

1 INTRODUÇÃO

As *cholas* que vivem na fronteira Brasil/ Bolívia são mulheres bolivianas que possuem as mesmas vestimentas desde quando colonizadas pelos espanhóis. Além das roupas, elas são marcadas por características étnico-raciais indigenistas, que ressaltam a presença de grupos originários na região.

Em Corumbá, Mato Grosso do Sul, fronteira com a Bolívia, as *cholas* podem ser vistas exercendo atividades comerciais no lado brasileiro, nas feiras livres ou comércio próprio. Também podem ser vistas nas ruas da cidade, fazendo compras, ou realizando ações comuns a uma mulher. O que as diferenciam são suas saias rodadas (*polleras*) e duas tranças nos cabelos.

Essa pesquisa é um recorte de um projeto de mestrado que investiga a presença das *cholas* no lado brasileiro da fronteira, comportamento, cultura, e como são vistas pelos habitantes brasileiros. Para este artigo entrevistamos pessoas que trabalham em Corumbá, perguntando o que elas sabem sobre as *cholas*, de onde se originam e têm, ou tiveram, vínculos afetivos e de amizades com essas representantes da boliviana. De forma mais sutil, nosso objetivo foi verificar se elas são invisibilizadas socialmente em Corumbá- MS, mesmo trabalhando diariamente nas feiras e comércios brasileiros.

A pesquisa contou com metodologias de revisão bibliográfica e dez entrevistas semiabertas com pessoas que trabalham com o público no comércio de Corumbá de diversos segmentos laborais.

Procuramos os setores comerciais de neutralidade quanto a competição comercial de *cholas*, pois geralmente elas vendem produtos de frutas, legumes e roupas. Buscamos

comércios que são livres de um mercado competitivo referente a elas, que demonstraria com mais propriedade o resultado da pesquisa.

Os resultados apontaram que os brasileiros compram seus produtos, com a justificativa de preços menores, porém foram poucos os comerciantes que conhecem sobre a cultura *chola* (indígenas bolivianas), e a maioria evita manter vínculos mais próximos, apenas demonstram curiosidades em razão das saias rodadas (*polleras*). Apesar dos trajes diferenciados, continuam invisíveis socialmente por estarem em situação de subemprego. Elas são vistas somente como vendedoras e ambulantes de rua.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. A INVISIBILIDADE SOCIAL

A sociedade moderna está cada vez mais indiferente em relação às condições do outro fazendo o que muitos sejam invisíveis e ignorados nos contextos sociais. A invisibilidade social afeta há muitos grupos que são excluídos, desvalorizados ou marginalizados na sociedade, entre eles os migrantes e os povos indígenas. A sociedade valoriza o consumo e o prestígio social, com isso grupos minoritários sofrem a desvalorização por não possuir status políticos sociais econômicos e educacionais.

A invisibilidade social pode ser relacionada com o modo de vida em que se vive nos dias de hoje. Uma sociedade que avalia o indivíduo pelo que tem e não pelo que o mesmo é. Deste modo os trabalhadores que possuem tarefas essenciais a população podem ser vistos como objetos e não como seres, visto que a maioria das pessoas não se submetem aos trabalhos praticados por aqueles. Neto (p.78,2020)

Os grupos indígenas muitas vezes são vistos como inexistentes por não possuir ou cultivar o consumo e as grandes economias. Embora com muita riqueza cultural frequentemente são ignorados por uma sociedade dominante e que é o resultado dos anos de colonização e opressão por uma sociedade consumista que valoriza os modelos ocidentais. Muitos indígenas sofrem o preconceito com as dificuldades de educação, saúde e por não possuírem uma cidadania com plenos direitos.

A invisibilidade social pode ser uma violência simbólica pois muitas vezes estão no mesmo ambiente mas não são socialmente reconhecidos possuindo uma falta de reconhecimento que reforça a inferioridade e a exclusão. Esse também é o caso dos migrantes que saem dos seus países em busca de outras oportunidades em países com uma maior economia, recursos urbanos e políticos.

Compreendemos que muitas vezes a invisibilidade social é deixar de interagir com o próximo, estar todos os dias naquele mesmo lugar, mesmo trabalho e atender somente às demandas locais.

2.2. A FRONTEIRA: EM CORUMBÁ (BRASIL) E PUERTO QUIJARRO (BOLÍVIA)

Os Estados brasileiros que fazem fronteira com a Bolívia são Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rondônia e Acre. O município de Corumbá, Mato Grosso do Sul, tem 385,7 km de fronteira com a Bolívia e 52,2 com o Paraguai cuja extensão total é de 537,9 km. E do centro de Porto Quijarro, na Bolívia, até o centro de Corumbá (MS- BR), temos um trajeto de 11,6 km (menos de 20 minutos de carro).

A fronteira segundo Raffestin (1993) é mantida por relações de poder e interações de domínio e submissão, pois nesses espaços existem questões políticas, jurídicas, comerciais e acordos internacionais, para que todos utilizem os mesmos espaços.

A fronteira é um espaço de encontro e confronto, onde diferentes culturas, economias e políticas se entrelaçam e se chocam, criando dinâmicas complexas de inclusão e exclusão.

Para Glória Anzaldúa (2016), o colonialismo e a discriminação racial influenciam nas políticas de imigração e na vida dos próprios imigrantes que acabam resistindo contra as políticas que são opressivas ao lutar pela sobrevivência e dignidade dentro da fronteira. A autora discute uma identidade mestiça que surge na fronteira em que as culturas se encontram e se entranham e, muitas vezes, o imigrante é marginalizado num lugar que é o do outro país, o outro lado da fronteira.

É preciso se viver na fronteira, e imigrantes do outro lado do seu país, muitas vezes, resistem contra as políticas de opressão para lutar e sobreviver com dignidade, trabalhando, estudando e tratando da saúde, criando uma espécie de estratégia de como viver em um lado da fronteira e como se comportar no outro.

Eu sou visível – veja esse rosto de índio – mas sou invisível. Eu os cego com meu nariz adunco e sou seu ponto cego. Mas eu existo, nós existimos. Eles gostariam de pensar que derreti na panela. Mas eu não, nós não (Anzaldúa, 1987, p. 86, tradução nossa).

É nesse espaço internacional que encontramos as *cholas* bolivianas, que trabalham tanto no território brasileiro (nas lojas e feiras livres) quanto na Bolívia. Ao que se percebe no lado brasileiro pouco se sabe sobre quem são essas mulheres.

2.3 O RACISMO NA BOLÍVIA CONTRA OS POVOS ORIGINÁRIOS

A sociedade, mesmo antes do nascimento de uma criança, impõe comportamentos para o gênero feminino e masculino, marcados por estereótipos advindos de crenças e valores gerações após gerações. Mantém uma hierarquização que justifica o homem como ser superior e automaticamente a mulher como inferior e desigual, inclusive uma visão naturalista de que mulher é mais frágil e que um homem é dominador pela força que tem, pela inteligência e capacidade para liderar.

A ideia de gênero e a implementação social do que é ser mulher e o que é ser homem, quais os grupos humanos e sentidos do ser feminino e masculino. A construção social são as relações sociais estabelecidas que não é inata ou natural, sendo uma categoria relacional. A história sustenta a desigualdade entre mulheres e homens, através de práticas e comportamentos que o feminino e o masculino apresentam como se fosse algo natural, inata e não aprendido através de valores culturais e sociais.

A promoção, proteção e reparação dos direitos das mulheres retrata a realidade de desigualdades e violências na plena garantia de direitos femininos. A história de desigualdade entre mulheres e homens retrata a luta por igualdade das mulheres.

Bolivia, con una población indígena que abarca alrededor de 80% de su población total, comparte también esta historia de América Latina de los últimos treinta años, años en los cuales los indígenas vienen luchando por modificar las condiciones de desigualdad, injusticia y discriminación que los afectan. (PÉREZ-RUIZ, 2000,p.74)

Na Bolívia existe acentuado racismo, desigualdade e discriminação ante às mulheres *cholas*. As mesmas são marginalizadas e sofrem grandes impactos negativos em função de sua forma de se comportar, como se fosse uma "casta inferior", simplesmente por manter uma cultura centenária e por não possuir os traços fenótipos dos colonizadores. O preconceito e a discriminação contra as *cholas* na Bolívia foram durante muitos anos mantidos pela política nacional, pois era proibido que mulheres de *pollera (cholas)* utilizarem alguns serviços públicos, por estarem com suas vestimentas tradicionais.

A pigmentocracia² e o etnocentrismo³ dos colonizadores se mantiveram em um discurso de preconceito, discriminação e estigma no estereótipo cultural da *cholas* bolivianas que vivem na fronteira. O etnocentrismo dos colonizadores, acabam tornando hegemônica a

² A pigmentocracia ou colorismo: quando o racismo é selecionado através dos tons da pele dos grupos e etnias.

³Etnocentrismo:O julgamento é a partir de costumes, crenças morais e leis que divergem do outro. (Podendo ser a partir do olhar do dominador).

pigmentocracia, quando uma pessoa sofre preconceito por causa da pigmentação próxima aos dos colonizadores.

As mulheres *cholas* indígenas ou mestiças foram as que mais sofreram, por parte dos colonizadores, violências físicas, psicológicas, preconceito e discriminação.

2.4 AS *CHOLA* EM CORUMBÁ NO PANTANAL

Não é fácil ser mulher no pantanal, muito menos uma mulher estrangeira. Não é fácil ser indígena, e usar roupas que confirmam não ser uma mulher brasileira. Não somente pelos traços da pigmentocracia, mas com as roupas e símbolos que as suas tranças e *polleras* revelam.

As *cholas* vivem diariamente nos comércios, nas feiras, servindo a população brasileira, porém quase não as encontramos como consumidoras em restaurantes, farmácias, mercados e no comércio corumbaense. Para os brasileiros, independente de formação ou poder aquisitivo, as *cholas* são só mulheres bolivianas que usam roupas nacionais.

Las mujeres son quienes cruzan las fronteras étnicas con mayor facilidad que los varones; estos últimos están rígidamente fijados a categorías tributarias que se expresan en códigos de vestimenta obligatorios, permitiendo distinguir a los “indios” de los “cholos”, los “mestizos” y los “caballeros”, que se veían –de acuerdo con su status social– obligados o eximidos de prestar contribuciones al estado. (RIVERA,2015, p ,84)

A partir do que investigamos, as *cholas* são mulheres invisíveis socialmente e que necessitam de reconhecimento de um protagonismo próprio de sua cultura. Ou seja, cruzamos com elas, compramos seus produtos, mas não sabemos quase nada da sua cultura, idiosincrasia, manutenção da resistência feminina ou porque usam os trajes bolivianos tradicionais. A percepção brasileira é de que elas são comerciantes, na maioria das vezes em situações de vulnerabilidade, como vendedoras nas feiras livres ou possuir pequenos comércios. Elas fazem com que no imaginário social Corumbaense (MS) elas sejam portadores de subempregos, invisíveis, observada como empobrecida e com fragilidades sociais.

Acresce-se a isso a reprodução social institucionalizada no mercado de trabalho formal, marcada pelo rebaixamento do status social, pela humilhação, pela invisibilidade, pela insalubridade, pela baixa remuneração e pela precariedade dos direitos. (VERGÈS,2019, p.6)

Para Raffestin o poder pode tornar o outro invisível, diante das relações principalmente mercantis que se estabelecem de domínio e poder.

O poder sendo co-extensivo de qualquer relação, torna inútil distinguir um poder político, econômico, cultural, etc. Sendo toda a relação um lugar de poder, isso significa que o poder está ligado muito intimamente na manipulação dos fluxos que

atravessam e desligam a relação, a saber a energia e a informação. (RAFFESTIN, 1993, p.53.)

Por viver em região de fronteira internacional, o outro é o outro e não parece pertencer ao espaço do ‘ nós’. Essa relação cria entrelinhas sutis e às vezes claras de que o boliviano é uma classe que é diferenciada, pois durante muito tempo quem exercia o poder de compra era o brasileiro que atravessava a fronteira como comprador local e turístico.

As mulheres *cholas* são estereotipadas também em seu próprio país de origem pelo tom de pele, traços no rosto e também por suas roupas.

Assim a linguagem e a vestimenta junto com a pigmentação da pele e as novas ocupações laborais, se converteram em parâmetros básicos de uma estratificação social que intenta manter separada a república de espanhóis e a república de índios. (GARCIA, 2010, p. 42).

Essas mulheres trabalham em comércio em Corumbá, no Pantanal, principalmente nas feiras livres, o que exige resistência física para montar as respectivas barracas e vender durante o período da madrugada das feiras. Em outros momentos, faz-se necessário disposição para um trabalho que se inicia cedo, e energia para se expor ao sol durante toda a manhã e início da tarde. As diferenças étnicas, linguísticas e culturais permeiam essa relação de fronteira, influenciando diretamente as relações econômicas, políticas, formais e informais.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O objetivo do trabalho é identificar se os comerciantes, brasileiros que trabalham em diferentes segmentos comerciais em Corumbá, conhecem as mulheres *cholas* que usam *polleras* (indígenas bolivianas) que trabalham diariamente nas feiras livres e em comércios brasileiros.

O objetivo geral é compreender se as *cholas* que usam *polleras* são invisibilizadas socialmente em Corumbá- MS, mesmo trabalhando diariamente nas feiras e comércios brasileiros.


Enquanto os objetivos específicos Identificar Se essas mulheres são estigmatizadas e excluídas socialmente em comparação com os demais comerciantes da região.

Prioriza-se, neste estudo, a metodologia de pesquisa de relato oral com entrevistas semi abertas e semiestruturadas, revisão bibliográfica e descritiva, conforme o quadro a seguir, realizadas com dez comerciantes que trabalham em Corumbá, Brasil, em diversos segmentos mercantis.

Após mostrar as fotos (em papel) das *cholas*, realizamos as seguintes perguntas:

Quadro 1 – Roteiros das entrevistas semiestruturadas e abertas com os comerciantes

PERGUNTAS AOS COMERCIANTES BRASILEIROS	FOTO APRESENTADA
---	------------------

<ol style="list-style-type: none"> 1. Quem são essas mulheres ? 2. Há uma atribuição de um nome para as mulheres que usam essas roupas? 3. Onde elas moram? 4. Em que elas trabalham? 5. O que sabe sobre elas? 6. Você tem amizade com alguma delas? 7. Você sabe porque elas vestem essas roupas? 8. De que lugar de origem você acha que elas são? 9. O que você ouviu já ouviu falar delas? 10. Essas mulheres visitam suas lojas e consomem seus produtos? 	
---	---

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizadas entrevista com funcionários do centro comercial de Corumbá, envolvendo uma pessoa que trabalha em uma papelaria, uma da loja de doces, uma da loja de piscina, uma do açougue, um farmacêutico, dois caixas de lojas de material de construção, uma caixa de supermercado, uma recepcionista de um laboratório de análises clínicas, um recepcionista de restaurante, uma caixa de uma cafeteria. Foram entrevistadas um total de 10 pessoas que trabalham no centro comercial de Corumbá com diversidade de serviços e atendimentos ao público.

Quadro 2 – Comerciantes brasileiros que trabalham em Corumbá (MS)

ENTREVISTADOS	EXCERTO ENTREVISTA
Entrevistado 1- homem vendedor em papelaria no centro de Corumbá	Elas são da feira, e moram no convento, não sei quem são, nem de onde são, são vendedores do Peru ou de outro país, tem uma que mora aqui perto, não sei porque usam essa roupa, não sei o nome delas. ”
Entrevistada 2 Proprietária- Loja de doces- mulher de 63 anos, nível superior- avó Boliviana	“ Já vi muitas dessas mulheres, são bolivianas, elas escondem coisas na saia e dinheiro, não tomam banho, não são cheirosas, elas vêm e compram doces para vender, bala, chiclete, doce e nunca vem com crianças, elas são índias, são do campo da Bolívia, elas trabalham incansavelmente, não tem preguiça e dizem que são milionárias, minha avó é da Bolívia, e veio morar no Brasil por Cárceres, minha avó era boliviana dos altos da Bolívia (chola), de índios, elas são invisíveis para a cultura delas na Bolívia e cabeça de certas pessoas, elas tem influência grande para trazer o comércio para cá, eu acho que elas levam dinheiro daqui para lá. Elas são reconhecidas na feira.”

Entrevistada 3 Loja de material de construção grande - Mulher de Corumbá com 51 anos	“Elas vendem alho e coisas na rua, elas são daqui daqui da Bolívia, eu não sei sobre elas, elas vendem e oferecem as coisas. Não sei de onde da Bolívia elas são, nunca perguntei. No aeroporto elas vendem alho, não tenho amizade com elas, não sei porque se vestem assim. Ela nunca veio na loja (material de construção). As pessoas tratam elas de longe de como elas se vestem, elas são tipo ciganas, elas são ressabiadas, no Peru elas se vestem assim. Elas fazem esses tecidos e tecem, elas. Não sei mais nada.”
Entrevistada 4 Loja de material de construção -mulher corumbaense 61 anos	“Eu nunca vi essas mulheres vestidas assim, não sei de onde são, eu ando de carro e moto e não vejo nada. Não sei, não tenho como responder e inventar o que eu nunca vi. Sou nascida e criada no Bairro Dom Bosco (Corumbá), sei tudo de lá e essas mulheres das fotos eu nunca vi.”
Entrevistada Acougue caixa- mulher de 41 anos	“Elas são da Bolívia, de Santa Cruz,vi um documentário, não sei porque elas andam assim, deve ser tradição. Nunca fiz amizades com elas, tem uma senhora que vem aqui, só uma senhora vem aqui, nunca veio outra, elas usam essa roupa pelo costume. Não tem nome para se vestir assim.”
Entrevistado 6 Mercado grande- caixa homem de 21 anos	“Já vi elas no centro, elas nunca vieram no caixa (Mercado grande), são da Bolívia, elas trabalham como vendedora anônima, elas usam essas roupas, eles não vem fazer compra, eles vieram do fundo da Bolívia, vendem produtos e são da fronteira e nasceram ali, nunca tive amigas assim, não sei se elas tem um nome. Elas são visíveis por usarem essas roupas, mas não sei nada sobre elas.”
Entrevistado 7 Laboratorio de analyses clinicas (grande)-Homem 33 anos	“Elas são vendedoras ambulantes, elas não são bolivianas são de outros lugares, não sei o nome de usar essas roupas, elas devem usar assim por causa da cultura. Elas são da fronteira. Elas não vêm ao laboratório fazer exames, eu trabalho aqui há 6 anos”.
Entrevistado 8 Restaurante recepcionista- o maior restaurante de Corumbá- homem 35 anos (não é nascido em Corumbá.)	“Elas vêm almoçar, são bolivianas que moram na fronteira, elas têm comércio, e elas são invisíveis, aos olhos dos bolivianos elas são invisíveis, menores. Aqui no Brasil são visíveis, porque tem dinheiro, paga tudo com dinheiro vivo, e elas vêm com certa frequência comer.”
Entrevistada 9 caixa da maior cafeteria de Corumbá- mulher 35 anos	“Elas não vem aqui, eu nunca vi, não sei onde moram, deve ser na fronteira, elas são do comércio clandestino, não sei nada sobre elas, não tenho amizade com elas, não sei de onde são, pois elas não vem aqui, elas são visíveis porque usam esses trajes e porque vendem mais barato.”
Entrevistado 10 homem farmacêutico de 41 anos- do RJ e mora há 8 anos e Corumbá	“Elas são bolivianas e peruanas, fazem artesanato, e vendem gilete, pasta de dente, eletrônicos, elas não vêm na farmácia. Não são da Bolívia. São visíveis pois está na rua vendendo, mas não sei o nome. O ser humano não se interessa pelo outro, pelo que é diferente. Ela não é invisível, mas as pessoas as veem só como alguém trabalhando, ninguém se importa com elas e ninguém quer ser amigo delas. ”

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

1) Quem são essas mulheres?

Respostas:

22% Peruanas (Entrevistados: 2, 3, 5, 6, 8)

11% Bolivianas (Entrevistados: 1, 10)

56% Sem conhecimento (Entrevistados: 2, 3, 5, 6, 8)

Maioria dos entrevistados 56% admitem não possuir conhecimento. 22% dos entrevistados atribuem a outras origens como peruanas mas que percebem que não são brasileiras ou seja as colocam no lugar de migrantes Comerciantes que trabalham na fronteira.

Somente 11% dos entrevistados relataram que são bolivianas.

2) Existe o conhecimento do termo chola?

Respostas:

10% Sabia que era chola (Entrevistado: 2)

90% Sem conhecimento (Entrevistados: 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10)

Os entrevistados desconheciam o termo chola com exceção da entrevistada que possuía a avó boliviana. O desconhecimento com relação ao termo chola compreendendo que é uma identidade histórica e cultural do contexto boliviano, demonstra que existe um desconhecimento sobre a tradição e a identidade indígena sugerindo um distanciamento da cultura destas mulheres.

3)Qual local de moradia das mulheres cholas?

Respostas:

30%Sem conhecimento (Entrevistados: 2, 3, 4)

60% Na fronteira (Entrevistados: 1, 5, 6, 7, 8, 9)

Os entrevistados sugerem que essas mulheres moram “na fronteira”, porém apontam que a fronteira é somente limitada ao lado boliviano sem considerar que no lado brasileiro também é uma fronteira. Sugerem que as cholas estão segregadas fora do lado brasileiro mesmo quando trabalham diariamente no Brasil eles compreendem que elas estão do lado da Fronteira. Possuindo uma fala de distanciamento da Fronteira boliviana com o reconhecimento diário que essas mulheres apresentam no comércio local brasileiro.

4) Qual a ocupação das cholas no Brasil?

Respostas:

10% Sem conhecimento(Entrevistado: 6)

90% Ambulante, feirantes, vendedoras de rua (Entrevistados: 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10)

Os entrevistados em sua totalidade identificam que as cholas trabalham nas feiras livres e nos comércios brasileiros consideradas como “vendedoras de rua”, “ambulantes” e “comerciantes”. Esta fala reflete uma visibilidade laboral em espaços comerciais em Corumbá porém é carregada de uma percepção de um trabalho informatizado quando utilizado o termo ambulante identificando e sugerindo uma marginalização econômica e social perante as mulheres cholas.

5) Existe conhecimento ou desconhecimento sobre as Cholas?

O que você sabe sobre elas?

Respostas: 100% não sabiam nada ao certo sobre elas. Todos os entrevistados (1 a 10)

Todos os entrevistados, sem exceção, afirmaram não saber nada sobre as cholas, mesmo a que possuía a sua avó Chola.

Existe uma barreira do reconhecimento sobre a cultura das mulheres de povos originários isso reflete que embora sejam visíveis quanto o trabalho diário no Brasil sua identidade histórica e tradições não são valorizadas e possuem um desconhecimento quanto à cultura.

6) Existem laços de amizade com o cholas e os comerciantes brasileiros?

Respostas: 100% disseram não ter amizades. Todos os entrevistados (1 a 10)

100% dos entrevistados não tem nenhuma amizade com as cholas.

Nenhum dos entrevistados têm ou já teve amizade com uma mulher de pollera, mencionaram que não tiveram interesse em se aproximar delas destacando que “elas são muito fechadas”.

Esta fala atenua a possibilidade de segregação social e distanciamento entre os brasileiros e essas mulheres.

7) Por que essas mulheres utilizam essas roupas?

Respostas:

30% não sabiam(Entrevistado: 3,5,7)

70% Tradição e cultura (Entrevistados: 1, 2, 3, 5, 6, 7, 10)

As respostas demonstraram incerteza respondia que deveria ser por uma cultura ou tradição sem saber explicar as causas ou os motivos. Que são os trajes culturais e históricos das mulheres de povos originários *cholas*.

Os espaços públicos estão cercados de pessoas que transitam, trabalham porém, os comerciantes desconhecem que as vestimentas *cholas* são uma forma de identidade e da história boliviana.

8) Quando questionados qual a origem geográfica as respostas foram:

Respostas:

30% Não sabia (Entrevistados: 1, 7, 9)

10% Peruana (Entrevistado: 7)

60% La Paz, Potosí, Santa Cruz (Entrevistados: 2, 3, 5, 6, 8, 10)

Os entrevistados demonstraram incerteza e mencionaram que poderiam ser peruanos somente a parentesco boliviano identificou que eram mulheres de Potosí e de La Paz. Porém os entrevistados não sabiam a origem das *cholas* e os departamentos em que elas geograficamente se deslocaram dentro da Bolívia.

9) As *cholas* são clientes do comércio de Corumbá?

Respostas:

10% Frequenta restaurante (Entrevistado: 8)

70% Nunca vieram na loja (Entrevistados: 1, 4, 6, 7, 9, 10)

20% Comprar produtos específicos (Entrevistados: 2, 8)

A entrevistada que possui avó que era *chola*, relatou que essas mulheres compravam doces para revender. O entrevistado que trabalhava no restaurante mencionou que elas costumam almoçar no local.

Todos os demais entrevistados relataram que essas mulheres não utilizam os serviços prestados nos estabelecimentos comerciais em que trabalham, o que podemos sugerir que a presença das *cholas* é limitada e se restringe quanto frequentar lugares de comércio e consumo de lazer ou outros serviços. Elas somente compram em locais para revenda de produtos ou alimentação básica.

10) Quais são as impressões sobre as *Cholas*?



Respostas:

São Ambulantes, sem amigas, sujas, não conheço, fechadas, são peruanas, são bolivianas, são brasileiras, vendedoras Cultura, não sei, tradição, costume, trabalhadora, Bolívia, mulheres pobres, vendedoras de rua, ninguém se importa com elas.

A única entrevistada que tinha ascendente boliviana relatou estereótipos negativos dizendo que elas “não gostam de banho”, e guardam “coisas”, dinheiro “dentro das suas saias”. Esses comentários são carregados de preconceitos e que minimizam o contexto e a trajetória histórico-social para a preservação da Cultura.

Os outros entrevistados não sabiam que elas também possuem moradia na fronteira no lado brasileiro e possuem desinteresse sobre saber sobre a cultura e essa comunidade. a falta de conhecimento mantém uma invisibilidade cultural e social sobre quem são essas mulheres que estão diariamente trabalhando no comércio de Corumbá.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa foi realizada com 10 funcionários de 10 lojas comerciais do centro de Corumbá com diferentes serviços que revelam as seguintes informações:

Os dados confirmam que as cholas são invisíveis cultural e socialmente na fronteira de Corumbá Brasil. Essas mulheres são reconhecidas apenas como trabalhadoras do comércio e não são vistas como sujeitos cheios de culturas como a diversidade local. Existe nos resultados ausência do conhecimento sobre as origens culturais e identidade chola, o que supõe uma segregação simbólica que apesar delas serem visíveis no espaço público elas permanecem invisíveis diante do reconhecimento social cultural político e principalmente histórico (por serem povos originários bolivianos).

A invisibilidade é demonstrada na ausência de interações sociais e pela forma estereotipada com preconceitos que foram relatados nas entrevistas.

A pesquisa de campo demonstra que as *cholas* que trabalham no lado brasileiro, em Corumbá, no Pantanal, seja em feiras livres ou lojas comerciais, servindo o consumidor brasileiro, não têm visibilidade.

Os corumbaenses entrevistados desconhecem o nome *Chola*, não possuem amizades com elas, não sabem sua origem boliviana. Para eles, são somente as mulheres que trabalham nas feiras livres e que talvez morem na fronteira. Percebem suas roupas (*polleras*), porém não se relacionam de maneira mais interativa, só mantêm a relação comercial de consumo.

Os entrevistados as veem no comércio, compram seus produtos por serem mais baratos, mas elas são invisibilizadas por serem ‘o outro’, e não são reconhecidas como quem são, sua cultura ou origem. *Um dos entrevistados disse que nunca se interessou em saber nada sobre elas, o que as invisibiliza. Outro mencionou que elas são mulheres pobres e por isso vendem produtos.*

Somente 2 comerciantes disseram que elas consomem em seus estabelecimentos (os entrevistados do restaurante e da loja de doces, que compram doces para vender), o que nos leva a suposição que as *cholas* fazem suas compras e usufruem de seus lazeres na Bolívia.

Concluimos que as *cholas* são visíveis, pois trabalham no Brasil, reconhecidas na pesquisa como negociantes, comerciantes, vendedoras de rua, ambulantes, comerciantes clandestinos, mulheres pobres. Somente dois entrevistados as veem como ricas por comprar com dinheiro “vivo”. Mas, as *cholas* são invisíveis quanto sujeito subjetivo e como alguém que o corumbaense gostaria de formar vínculos afetivos e de convivência, pois nenhum dos 10 entrevistados jamais fez amizade com uma *chola*, ou mantém contato de relacionamento constante e profundo. O convívio se resume em comprar produtos mais baratos, mas que se mantêm distanciados. Outros entrevistados disseram “ninguém se importa com elas”.

A Invisibilidade social é ser invisível como pessoas como se fosse invisível como se não fossem dignas de direitos e algumas populações são portadoras desse não olhar como os indígenas e as *cholas*. Essas mulheres precisam ser vistas como seres protagonistas, dignas, as pessoas não as cumprimentam, não sabem os nomes ou se interessam por sua cultura e memórias coletivas. São considerados como inferiores, como trabalhadoras que trazem mercadorias com melhor valor para o Brasil, porém o corumbaense não faz questão de se aproximar ou iniciar um vínculo afetivo e próximo.

O conceito de visibilidade é o reconhecimento cultural social político de um determinado grupo e estes não são reconhecidos pelos entrevistados que mesmo diante das

vestimentas tradicionais (*polleras* e tranças), as tornando visíveis como sujeito elas permanecem invisíveis diante das suas origens e principalmente no contato social com os brasileiros que trabalham com elas diariamente. Existindo uma falta de interesse do corumbaense tem desenvolver um vínculo maior que as tornem visíveis e minimizando a cultura boliviana e a identidade cultural.

É possível fazer a compreensão de que existe distanciamento cultural econômico e que gera em certa parte exclusão social revelando que as cholas não são reconhecidas no comércio por uma identidade cultural e histórica (como é o caso de originários indígenas). Elas são vistas unicamente como trabalhadoras de subsistência e desconhecidas na sua complexa identidade cultural nessa região da Fronteira.

Compreende-se que a invisibilidade social das cholas necessita ser rompida através de promoções de integração cultural social que envolvam os dois países e através de políticas que valorizem a cultura chola, para que exista o reconhecimento da valorização da Cultura dentro da Fronteira.

REFERÊNCIA

ANZALDÚA, Gloria. **Bordelands/Fronteras: la nueva mestiza**. Trad. Carmen Valle . Colección Ensayo. Madrid: Capitán Swing Libros, S.L. 2016. https://enriquedussel.com/txt/Textos_200_Obras/Giro_descolonizador/Frontera-Gloria_Anzaldua.pdf

GARCIA. H. R. **Género, Mestizaje Y estereotipos culturales: El caso de las cholas bolivianas**. Universidad Mayor San Simón, Cochabamba, Bolivia, 2010

NETO, N. (2020). **Invisibilidade social: Reconhecimento e desrespeito aos grupos subalternizados no Brasil**. PUC-Rio.

PÉREZ-RUIZ, M.L. **Nacido indio, siempre indio. Discriminación y racismo en Bolivia**. DEAS-INAH, 2000. p.73-87.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática: 1993.

RIVERA, Silvia Cusicanqui. **Sociología de la imagen: ensayos**. 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.



VERGÈS.FRANÇOISE. **Um Feminismo Decolonial**. 2019. França . Editora EBU.

PORTO, J. Invisibilidade Social e a Cultura do Consumo. Departamento de Artes e Design.
PUC-RIO, n1900 p. 4, 2006.